



## FORMAÇÕES DISCURSIVAS E INTERDISCURSOS: ANÁLISE DE ENTREVISTA POLÍTICA

Romison Eduardo Paulista\*; Hugo Mari\*\*

[paulista.linguistica@yahoo.com.br](mailto:paulista.linguistica@yahoo.com.br); [hugomari28@gmail.com](mailto:hugomari28@gmail.com)

\*Mestrando em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, bolsista pelo CNPq; \*\*Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da PUC-Minas.

Recebido em 15/05/12 – Aprovado em 09/07/12 – Publicado em 30/07/12

### RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo analisar e refletir sobre a importância que devemos atribuir às *Formações Discursivas* (FD) e aos inter/intradiscursos no funcionamento da entrevista política. Nessa perspectiva, buscaremos, na medida do possível, evidenciar algumas das estratégias discursivo-enunciativas que evidenciam a orientação de FDs e/ou interdiscursos. Para isso, tomaremos como objeto de análise as entrevistas realizadas pela revista *Veja* com os candidatos à presidência do Brasil em 2010, José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT).

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação Discursiva; Ato de Linguagem; Ethos.

### ABSTRAT:

This article aims to analyze and reflect on the importance that we attribute to Discursive Formations (FD) and intra/interdiscourse the functioning of the political interview. From this perspective, we will seek, wherever possible, show some enunciative-discursive strategies that show the orientation of FDs and a interdiscourse. For this, we take as the object of analysis by *Veja* magazine interviews with candidates for the presidency of Brazil in 2010, José Serra (PSDB) and Rousseff (PT).

**KEYWORDS:** Discursive formation; Language Act; Ethos

## INTRODUÇÃO:

O objetivo deste artigo é analisar a importância que devemos atribuir às *Formações Discursivas* (FD) e sua relação com inter/intradiscursos na análise do discurso. Para isso, pretendemos analisar as entrevistas realizadas com os candidatos à presidência de 2010, Dilma Rousseff e José Serra, pela Revista Veja. Esta escolha deve-se ao fato de que a Entrevista (política), gênero intimamente ligado às esferas jornalísticas e midiáticas, revelarem aspectos dos mais variados nas interações entre os sujeitos. Desse modo, acreditamos ser necessário analisar as Entrevistas com vista a investigar o direcionamento argumentativo das perguntas e a pertinência das respostas como indicadores de uma FD para a situação de contrato entre os parceiros 'revista' e 'candidatos'.

Para realização deste trabalho, foram coletadas duas entrevistas publicadas na revista *Veja*<sup>1</sup>. O trabalho pretende avaliar se nas entrevistas analisadas, realizadas aos candidatos Dilma e Serra, as perguntas utilizaram algum direcionamento a favor de um candidato em detrimento de outro. A escolha deste gênero dialogal deve-se ao fato de entendermos, que por sua natureza extremamente diretiva, algumas perguntas, devido a Formação Discursiva do Entrevistador, soaram ora como elogio (Serra), e outras, ora como crítica (Dilma) aos candidatos.

---

<sup>1</sup> A escolha deste suporte foi norteada pela forte influência que tal instituição possui na sociedade brasileira, e, sobretudo pelo forte apelo partidarista que tal instituição demonstrou nessa eleição presidencial (2010).

## **FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA: A HETEROGENEIDADE DO DISCURSO.**

Em linhas gerais, a Formação Discursiva constitui-se de certa forma como um ‘espelhamento’ ideológico. Um mesmo sujeito pode apresentar uma ou mais FD interligadas que deflagram certa Formação Ideológica que pode influenciar ou determinar *o que se pode e o que se deve dizer, e o que pode e não se deve dizer* (ROBIN, 1977). Genericamente, poderíamos dizer que uma FD é definida ou recuperada a partir do(s) seu(s) interdiscurso(s) e, entre FDs diferenciadas, pode estabelecer alianças ou conflitos<sup>2</sup>. Uma FD é o que (pode) determina o sentido de uma palavra, expressão, proposição, etc. As FDs seriam refletidas por um conjunto de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras, historicamente determinados (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008). Tal consideração se torna relevante neste trabalho por se perceber no desenvolvimento da entrevista política uma certa cumplicidade ideológica do Entrevistador (Veja) com um dos entrevistados (Serra) e um certo conflito ou desmerecimento de outro de FD divergente (Rousseff). Para isso, demonstrar o funcionamento das FDs, consideremos o conceito de Heterogeneidade<sup>3</sup> discursiva proposto por Authier-Revuz (1990), tomado aqui como semelhante ao conceito de interdiscursividade, é aquilo que

---

<sup>2</sup> A maneira pela qual se apreende uma formação discursiva oscila entre uma concepção contrastiva, na qual cada uma é pensada como um espaço autônomo que se coloca em relação a outros, e uma concepção interdiscursiva, para qual uma formação discursiva apenas se constitui e se mantém pelo interdiscurso (CHARAUDEAU, 2008, p 242).

<sup>3</sup> Fala-se de heterogeneidade constitutiva quando o discurso é dominado pelo interdiscurso; e de heterogeneidade mostrada quando possibilita à presença localizável de um discurso outro no fio do discurso, distinguindo entre formas marcadas e não marcadas. No entanto, é importante frisar que tais categorias resguardam algumas críticas devido a sua operacionalização e proximidade conceitual com outras categorias como: interdiscurso, intertextualidade, pré-construído, polifonia. Ou seja, são categorias que apontam para um mesmo fenômeno da língua(gem).

Bakhtin/Volochinov (1990) aponta como sendo o fenômeno constitutivo da linguagem: o dialogismo. Nessa perspectiva, todo dizer é atravessado por uma cadeia de discursos construídos historicamente e socialmente. A palavra é sempre um já dito em confrontação/cooperação com outros dizeres, pressupondo a presença do outro como parte do eu que enuncia (alteridade). A heterogeneidade é nessa linha epistemológica, a nosso ver, um 'modelo' teórico-metodológico que pretende evidenciar o princípio dialógico da linguagem.

Neste trabalho, consideraremos o conceito de heterogeneidade discursiva de modo genérico, sem nos preocuparmos na análise em fazer as distinções entre heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada (marcada e não-marcada) apresentadas por Authier-Revuz (1990).

## **O ATO DE LINGUAGEM: A ENTREVISTA POLÍTICA**

Os parceiros nesta situação de interação (entrevista) interagem verbalmente participando de uma encenação enunciativa (*mise-em-scène*) que constitui o *ato de linguagem*<sup>4</sup>. Ao fazerem uso da linguagem, esses parceiros situam-se e subordinam-se a contratos e convenções, que são “práticas psicossociais compartilhadas entre os membros de uma dada comunidade” (CHARAUDEAU, 2009).

---

<sup>4</sup> Para tal teoria, a Semiologia, o processamento enunciativo-discursivo/linguístico é dado sob o comando de um sujeito dotado de intencionalidade que, por sua vez, fundamenta um *projeto de fala* com vistas a influenciar o outro. O Ato de linguagem é *a linguagem posta em ação, em função da intersubjetividade dos interlocutores e de condições históricas determinadas* (CHARAUDEAU, 2009, p.46).

Tal ato instaura-se no processo entre os sujeitos envolvidos, por exemplo, o *reconhecimento do saber, reconhecimento do poder e saber fazer*, as duas primeiras configurações instauram a *legitimidade* do sujeito falante, sendo que estas são conferidas a ele em razão da posição que assume nas diferentes redes de práticas sociais (*Veja - veículo de opinião; Serra e Rousseff - candidatos à presidência da república*). Por outro lado, o *saber fazer* confere *credibilidade* ao sujeito falante. Esta não é dada a ele *a priori*, mas conquistada e negociada no desenvolvimento das práticas de linguagem e está diretamente associada ao desempenho enunciativo apresentado pelo sujeito comunicante, tornado enunciador.

O sujeito comunicante (EUc), instituição *Veja*, constrói sua credibilidade de especialista apto a interpelar o enunciatário, constituindo-se, assim, enunciador (EUe), constrói sua credibilidade de imparcial e democrático, na medida que é ele quem subsidia a palavra aos candidatos e informação aos leitores (TUi), para tanto, produz uma imagem de sujeito destinatário (TUd) que compactue com suas intenções, seja cooperativo com o contrato discursivo. Cabe lembrar que a entrevista é um contrato linguageiro fundado na troca de turnos de fala, possibilitando assim uma troca constante de papel de (EUc \_ TUi) e (EUe \_ TUd) restando ao sujeito comunicante (ora a *Veja*, ora aos candidatos) engendrar as estratégias discursivas adequadas para garantir a consolidação dos seus objetivos e ao sujeito interpretante aceitá-las ou não (lembrando que o Entrevistador está numa posição privilegiada na relação contratual, pois é ele que escolhe a temática e subsidia a palavra).

## A ANÁLISE DA ENTREVISTA: AÇÕES, *ETHOS* E ARGUMENTOS.

Neste momento, procederemos à análise de algumas das perguntas feitas nas entrevistas dos candidatos, dado o curto espaço de tempo o trabalho pretende analisar a apresentação feita do candidato, pela revista e seis perguntas, das vinte e nove realizadas, sendo três do candidato Serra e três da candidata Rousseff.

As relações enunciativas se constroem em dois níveis: o primeiro – revista e leitor (publicação) e o segundo, a entrevista – revista e candidatos.

### 1.1 Análise das apresentações dos candidatos feita pela revista *Veja* e os interdiscursos evocados na relação entre a Revista *Veja* – e o Leitor.

Apresentações dos candidatos (Discurso reportado)
“O candidato do PSDB à Presidência da República <u>diz que</u> o loteamento de cargos no governo do PT turbinou a corrupção e <u>dá sua receita</u> de governabilidade sem clientelismo” (Veja: 13/06/10)
“A candidata do PT <u>diz que</u> se foi o tempo de apreensão dos mercados com eleições presidenciais no Brasil e <u>garante que</u> se vencer o pleito vai manter a inflação sob controle” (Veja:16/06/2010)

A estratégia do discurso indireto demonstra a intenção de captação do leitor, na medida em que são aludidos dois pontos importantes da entrevista, segundo a revista relevante para chamar a atenção do leitor da publicação. O “objetivo final” de EUC é que o TUI leia a entrevista, para isso vários recursos são utilizados (verbais e multimodais) - a imagem (foto) dos candidatos, os títulos das entrevistas e a apresentação feita pela revista – são estratégias usadas, a fim de captar, persuadir e suggestionar o leitor para a leitura da

matéria. Se a realização aparente, e ingênua, da finalidade de EUE é o de informar o TUD, o EUC cria um EUE com a intenção de persuadir o TUI, criando no leitor uma expectativa e já uma orientação discursivo-argumentativa quanto ao conteúdo informacional, ou seja, tais estratégias não são apenas para informar, mas de certa forma persuadir o leitor<sup>5</sup>.

Observe os títulos das entrevistas:

“Ouvir, argumentar, decidir” (Serra)
“Acabou o ‘Risco Brasil’” (Dilma)

Percebe-se que a escolha de tais títulos não é em vão, na medida em que tais itens lexicais instauram certa memória discursiva, e ou ativam certo campo semântico impregnado ideologicamente. No caso do candidato Serra, a escolha dos verbos ressalta ou faz crer numa certa imagem de um político apto a governar, na medida em que se tematiza atributos valorizados socialmente, a *doxa* de uma boa governabilidade, *ouvir*, *argumentar* e *decidir*, criando um *ethos* (o título retoma uma fala de Serra daí a caracterização de *ethos* tematizado do candidato) de político ponderado, seguro e decidido, portanto qualificado para o pleito. Já no caso da candidata Rousseff o título soa como uma dúvida em relação à própria candidatura da petista - *Acabou o risco Brasil* - tal proposição é resultado de um interdiscurso da oposição, e também da mídia brasileira, que apontavam a pouca experiência política de Dilma

<sup>5</sup> Conferir (Charaudeau 2011, p. 288). As mídias de certo modo constroem seu próprio público alvo (um público fluído e heterogêneo do ponto de vista de suas opiniões). Outro ponto reside no tratamento dado às informações, que podem privilegiar ou sugerir alguns efeitos ideológicos na exposição da informação.

Rousseff; instaurando uma memória discursiva ligada ao presidente Lula (risco Brasil foi o mote da oposição na posse do presidente Lula, tal expressão tem valor pejorativo). A sentença ativa associações múltiplas de cunho negativo, podendo sugerir a própria candidatura da petista como sendo esse “Risco Brasil”.

Outra marca percebida como forma de direcionar e influenciar o posicionamento do leitor<sup>6</sup> encontra-se nas apresentações feitas dos candidatos, dos quais retiramos dois trechos que achamos importantes para elucidação e caracterização no nível proposicional da formação discursivo-ideológica da Veja:

“Nenhum outro político brasileiro tem no currículo uma vida pública como a de Jose Serra, 68 anos, candidato do PSDB à sucessão de Lula.”

“No começo, Dilma Rousseff estranhou o papel de candidata à Presidência da República. Em comparação com o cotidiano acelerado de ministra da Casa Civil do governo Lula, as primeiras semanas de pré-campanha lhe pareceram umas férias sem muita graça.”

A apresentação feita dos candidatos demonstra um direcionamento pragmático marcadamente “tendencioso” do enunciador, que ao se valer da seguinte expressão “nenhum outro... tem... uma vida publica como...” apresenta um estado mental intencional de certeza de que X é melhor do que Y. O ato ilocucional, assertivo modo afirmação (tem também um valor indireto de modo declarativo) cujo efeito perlocucional é de elogio ao candidato tucano, que é colocado a partir da atitude proposicional do enunciador como dentre todos os

<sup>6</sup> Apesar de se ter consciência que grande parte do público leitor da revista tem um direcionamento ideológico ou FD aproximado do comungado pela revista.



possíveis ocupantes ao cargo nacional, como o melhor e mais qualificado. Já em relação à candidata petista a aparente intenção é a de “desqualificá-la”. As expressões “estranhou o papel” e “umas férias sem muita graça”, são opiniões formuladas pelo enunciador, o locutor apresenta um estado mental intencional de dúvida/incerteza, cuja força ilocucional é assertiva, modo afirmação (na verdade o modo pode ser conjectura por ser um comentário do enunciador a respeito da candidata, ou seja, uma especulação – ato indireto), sugerindo a ideia de que a candidata petista seria como uma espécie de marionete na mão de Lula, efeito gerado pelas expressões que aludem aos interdiscursos que sugeriam que Rousseff não queria o cargo e isto lhe tivesse sido imposto por Lula.

## **1.2 Análises das perguntas feitas aos candidatos: o direcionamento argumentativo e efeitos perlocucionais decorrentes dos interdiscursos.**

No primeiro momento percebeu-se como se instaura o contrato (ato de linguagem) entre revista/leitor e as projeções que são feitas a partir das estratégias retórico-argumentativas<sup>7</sup> aludidas nas apresentações feitas dos candidatos.

Agora o que se propõe é analisar a enunciação configurada na entrevista: a Veja e os candidatos. Para isso, tomam-se para análise as seguintes perguntas: (1), (4) e (12) do candidato José Serra, e as Perguntas: (2), (12) e (15) da candidata Dilma.

---

<sup>7</sup> Retórica e argumentação entendidas como arte do convencimento, da persuasão, com vista a levar o leitor (auditório) a uma ação específica (ler) com uma suposta finalidade (informar) – escamoteando muitas vezes suas reais intenções por um jogo de artifícios semiolinguísticos.

*(Trechos) Entrevista com o candidato Serra:*

*'O senhor já enfrentou todo tipo de adversários em eleições, mas, desta vez, a se fiar nas palavras do presidente Lula, vai concorrer com um "vazio na cédula", preenchido com o nome de Dilma Rousseff. Afinal, quem é seu adversário nesta eleição? (veja)*

*Só tenho a certeza de que não vai ser Lula, cujo mandato termina no próximo dia 31 de dezembro. Adversários são todos os demais candidatos à Presidência da República. Por trás dos nomes na tela da urna eletrônica há a história, as propostas e a credibilidade de cada um. Minha obrigação é me apresentar aos brasileiros sem subestimar nem superestimar os demais. Deixemos que os eleitores julguem. É muito bom que os candidatos sejam diferentes  si e também em relação aos presidentes que já deram sua contribuição ao Brasil. A beleza da vida está justamente em cada um ter seus próprios atributos. (Serra)*

O ato é estabelecido de forma que a pergunta em questão é precedida por um comentário introdutório *o senhor já enfrentou todo tipo de adversário em eleições* cuja força ilocucional é Ponto (P) assertivo, modo (M) afirmação, sucedido por uma sentença de valor adversativo - *mas, desta vez, a se fiar nas palavras do presidente Lula, vai concorrer com um vazio na cédula* - cuja força ilocucional é assertiva, modo predição/afirmação. O contraste estabelecido entre o primeiro ato de fala P:assertivo, M:afirmação, e o segundo P:assertivo, M:pred/afirmação, é de um direcionamento argumentativo evidenciado pela expressão *todo tipo de...* que, tem um valor marcado dentro da sentença, e o uso do conectivo *mas* cuja direção argumentativa é de contraposição; a combinação desses elementos, reforçados pelo interdiscurso evocado (citação) *a se fiar nas palavras de Lula e vazio na cédula preenchido com o nome de Dilma Rousseff*, com valor pejorativo em relação ao candidato concorrente, dão ao entrevistado uma liberdade maior em sua resposta, ou seja, o

direcionamento argumentativo dos comentários culminará na pergunta *Afinal, quem é seu adversário nesta eleição?* P:diretivo M:pergunta, na qual a expressão conclusiva interpelativa *afinal*, dá a possibilidade do candidato de posicionar-se favoravelmente a pergunta, podendo assim desqualificar a concorrente, a expressão *afinal* marca, implicitamente, no direcionamento da pergunta, que na verdade o adversário não seria Dilma Rousseff, mas outro, no caso o presidente Lula. O candidato percebe essa ‘indireta’ e assevera *Só tenho a certeza de que não vai ser Lula, cujo mandato termina no próximo dia 31 de dezembro.* Ou seja, o provável candidato adversário será realmente Lula, que apoia Rousseff, mas atestar isso é dar um tiro no pé, o que o candidato faz é marcar seu argumento dizendo que não é o presidente atual, dizendo ainda a data que este sairá do cargo, o candidato percebe a forte pressão que a imagem de Lula tem no cenário eleitoral e sabe que isso pode e vai influenciar no voto dos eleitores, se Rousseff é um ‘vazio na cédula’ Lula não é, daí seu argumento final *a beleza da vida está justamente em cada um ter seus próprios atributos.* Essa sentença terá um efeito polifônico proverbial, reforçando que seu adversário será Rousseff que não teria seus “próprios atributos” e não Lula.

Como o senhor conseguiu governar a cidade e o estado de São Paulo sem nunca ter tido uma única derrota importante nas casas legislativas e sem que se tenha ouvido falar que lançou mão de ‘mensalões’ ou outras formas de coerção sobre vereadores e deputados estaduais? (veja)

*Em primeiro lugar, é preciso ter princípios firmes, não substituir a ética permanente pela conveniência de momento. É vital ter e manifestar respeito à oposição, ao Judiciário, à imprensa e aos órgãos controladores. Exerci mandatos de deputado e senador durante onze anos. Todos os que conviveram comigo no Congresso sabem que minhas moedas de troca são o trabalho, a defesa de ideias e propostas, o empenho em persuadir os colegas de todos os partidos e regiões. O segredo está em três palavras: ouvir, argumentar, decidir. Há o mito de que emendas de deputado são sempre ruins. Não são. Na maioria das vezes, elas visam a resolver ou aliviar problemas reais que afligem as pessoas de sua região. Portanto, atender os deputados segundo critérios técnicos é atender seus eleitores. Outra coisa fundamentalmente diferente é distribuir verbas ou cargos em troca de votos. Isso eu nunca fiz e nunca farei. (Serra)*

A pergunta em questão demonstra um forte direcionamento ideológico, a partir do momento que o efeito perlocucional é de elogio ao candidato tucano. Tematizando episódios de corrupção ligados ao partido opositor (PT) e asseverando as virtudes de Serra, a pergunta tem uma função de atestar e *financiar* ethoticamente as qualidades do candidato. A resposta dada pelo candidato reforçará exatamente os atributos aludidos na pergunta “*em primeiro lugar, é preciso ter princípios firmes, não substituir a ética permanente pela conveniência do momento*” a resposta do candidato reforçará a *doxa* do respeito à democracia, tema caro a política e a sociedade, fortalecendo o seu *ethos* de homem íntegro e honesto, colocando indiretamente os adversários como não respeitadores desse paradigma.

Por que no Brasil, apesar do enorme destaque atual no cenário da economia mundial, a discussão de política econômica é sempre revestida de ansiedade, como se vivêssemos em um estado permanente de emergência?(veja)

*O instantâneo da economia brasileira é realmente bastante satisfatório. Não diria o mesmo sobre o filme. Ou seja, se não forem corrigidas a tempo, as distorções atuais podem se desenvolver de maneira desfavorável. Essa é uma questão complexa que, infelizmente, talvez não possa ser tratada da maneira que merece em um clima de campanha, muito menos no escopo de uma entrevista. Mas, a título de fazer refletir, sugiro que se comece por responder a certas questões. A saber, por que razão o Brasil tem a maior taxa real de juros do mundo, a maior carga tributária do mundo em desenvolvimento e é lanterninha nas taxas de investimento governamental do planeta? Por que o suado dinheiro dos contribuintes brasileiros não está sendo bem aplicado em investimentos na infraestrutura econômica e social que garantam o crescimento sustentado da economia? É evidente que há um problema com esse modelo. É essa a discussão que precisa ser feita no Brasil. (Serra)*

Essa pergunta torna-se curiosa pelos efeitos que ela propicia, a ressalva que é instaurada coloca em cena três questões i) o Brasil tem enorme destaque no cenário da economia mundial, ii) a discussão política econômica é revestida de ansiedade e iii) é como se vivêssemos em um estado de emergência. O encadeamento da pergunta é seguido por atos ilocucionais que podem ser entendidos como P: assertivo M: crítica. A pergunta é um engodo, porque já apresenta um posicionamento do EUc em relação ao tema da pergunta. No entanto o que se percebe é que também o candidato elabora um discurso superficial, deixando claro nesta resposta que não possui uma solução imediata para a questão levantada - *essa é uma questão complexa que, infelizmente, talvez não possa ser tratada da maneira que merece em um clima de campanha, muito menos no escopo de uma entrevista.* A relação entre pergunta e resposta é simétrica parcial, por que a pergunta em si não existe, o que existe é um comentário por parte do EUc (Veja), a resposta do candidato

também funcionará em cima de especulações, como nos trechos grifados acima. Ou seja, o entrevistado levanta outras questões para tentar responder a questão levantada pelo entrevistador.

<i>(Trechos) Entrevista com a candidata Dilma Rousseff:</i>
<u>Estamos de acordo</u> que os alicerces dessa robustez foram lançados durante os oito anos do governo FHC? (veja)
<i><u>Discordo.</u> Hoje nós temos estabilidade macroeconômica. Nós recebemos um governo sem estabilidade, com apenas 36 bilhões de dólares de reservas. O endividamento do Brasil crescendo, a inflação ameaçando sair de controle, uma fragilidade externa monumental que a gente não podia nem mexer, o dólar a 4 reais. <u>Qual é o alicerce?</u> (Dilma)</i>

A pergunta em questão pede o aval da candidata em relação à figura de FHC como sendo o responsável pela política econômica responsável pela estabilidade financeira do Brasil, e se posiciona ao se valer da primeira pessoa do plural “estamos de acordo”. A candidata não compactua com tal afirmação e posiciona-se abertamente contrária a essa proposição e ainda levanta argumentos para fundamentar essa divergência “*hoje temos estabilidade... recebemos um governo sem estabilidade... o endividamento do Brasil crescendo... a inflação ameaçando sair do controle... fragilidade externa... o dólar a 4 reais*”, mas seu argumento final é a quebra do contrato ao lançar a seguinte pergunta “qual é o alicerce?” ou seja, a entrevistada percebe o posicionamento favorável do EUc aos concorrentes, e ao expor seus argumentos, torna-se EUc, lança uma pergunta retórica a fim de fortalecer seus argumentos como sendo incontestáveis, e refuta o posicionamento do entrevistador. No entanto, mais uma vez há a troca de papéis, pois o TUi, se

posiciona frente a pergunta da candidata e responde à pergunta “a autonomia do Banco Central, as metas de inflação, o cambio flutuante, a responsabilidade fiscal” que na verdade também será entendida como um contra argumento (interdiscurso) da oposição e que portanto existe um alicerce deixado. O que se percebe nessas perguntas encaixadas é que ambos (entrevistador e entrevistado) vão discordar dos argumentos levantados, cujo efeito será de provocação.

Como a senhora avalia o episódio recente do pedido de demissão do jornalista, que a serviço de seu partido, contratou arapongas para espionar adversários e até aliados?(veja)

É muito difícil essa conversa. É um assunto que girou em torno de documentos que ninguém viu nem sequer sabe se existem e de uma coisa que nunca chegou a se concretizar. Por isso prefiro concentrar minha resposta sobre a linha de conduta geral da campanha. Na minha campanha, não vou admitir nenhuma prática que não respeite o adversário, que não tenha princípios éticos claros e que não honre o fato de termos o governo com a maior aprovação da história recente deste país. A minha decisão é manter uma campanha de alto nível. (Dilma)

O que se percebe nessa pergunta é um forte direcionamento de crítica e provocação, a escolha dos termos como “*arapongas*”, “*espionar*”, “*a serviço de seu partido*”, são elementos que potencializam uma acusação contra o partido da entrevistada, por se tratar de um tema polêmico e constrangedor percebe-se a insatisfação e constrangimento da entrevistada na seguinte expressão que abre sua resposta “*é muito difícil essa conversa*”, que pode remeter a ideia de confissão, é difícil por que é verdade, mas o que fica claro com o desenvolvimento da resposta é que o sentido da expressão é: difícil por que tais questões (acusações) giram em torno de especulações que não foram

comprovadas. Para reverter o que a pergunta tematiza ‘*acusação de espionagem*’, a entrevistada projeta um *ethos* de alguém que respeita e cultiva os ideais de ética e integridade política “*mantendo uma campanha de alto nível*” não admitindo práticas fraudulentas ou criminosas em torno de sua campanha.

A sua opção pela luta armada na juventude vai ser um assunto da campanha eleitoral. As pessoas querem saber se a senhora deu tiros, explodiu bombas ou sequestrou. (veja)

*Estou pronta para esse debate. Pertenci a organizações políticas que praticaram desses atos. Mas eu jamais me envolvi pessoalmente em alguma ação violenta. Minha função era de retaguarda. Os processos militares que resultaram em minha condenação mostram isso com clareza. Nunca fui processada por ações armadas. Tenho muito orgulho de ter combatido a ditadura do primeiro ao último dia. A ditadura foi muito ruim. Cassaram os partidos políticos, fecharam órgãos de imprensa, criaram mecanismos de censura, torturaram... Mas o pior de tudo é que tiraram a esperança da minha geração. Quem tinha 15 ou 16 anos de idade quando foi dado o golpe de 64 não enxergava o fim do túnel. De um jovem cheio de energia e sem esperança podem-se esperar reações radicais. (Dilma)*

O entrevistador coloca como sendo uma curiosidade do público saber o que a candidata fez no período de regime militar, o entrevistador sabe que tal tema é polêmico e por isso enumera as possíveis ações cometidas pela candidata nesse período “*deu tiros, explodiu bombas ou sequestrou*” (evocando interdiscursos que ligavam a candidata a ações violentas, a partir de especulações que circularam na mídia). A candidata se demonstra incomodada com as perguntas que lhe são feitas – ou ainda, o direcionamento que as perguntas vêm tomando - se tomarmos expressões que foram usadas por ela como, por exemplo, “*é um pouco mais complexo do que você imagina*”, “*olha aqui, no meio da luta essas coisas nunca ficavam claras*”, “*é muito difícil essa*



*conversa*” e *“estou pronta para esse debate”*. No caso dessa última expressão é sua resposta a pergunta em relação a sua participação na luta armada. No qual sua resposta defende seu papel como alguém que lutou por um ideal *“tenho muito orgulho de ter combatido a ditadura”*, mas não se compromete dizendo que fez tais ações, sua resposta tende a reforçar sua luta pela democracia, mas afastar especulações que a liguem a crimes políticos (violentos) cometidos.

### **Considerações Finais:**

Esperamos ter mostrado, mesmo que de forma superficial, a partir do quadro teórico apresentado, como se dá o ato de linguagem envolvendo a entrevista, seu desdobramento em dois processos de contratos comunicacionais o primeiro: revista – leitor e o segundo: revista – candidatos.

Com efeito, pretendemos demonstrar como aspectos ligados a formação discursiva da instituição (Veja) influencia na realização do contrato comunicacional entrevista. A organização dos enunciados gira em torno de uma FD e interdiscurso de oposição ao candidato petista e outra favorável ao candidato tucano. Isso ficou claro a partir do direcionamento argumentativo das perguntas e itens lexicais quando se referiam a um e a outro, demonstrando um posicionamento ideológico da revista. A FD elitista de direita da Revista Veja só não é mais “evidente” por que se não feriria a um princípio caro ao jornalismo: a imparcialidade (apesar de termos consciência que a imparcialidade seja um mito ao se tratar de linguagem, para isso, algumas estratégias são acionadas para o velamento da opinião do veículo de

comunicação, a Veja, porém é explícita no seu posicionamento contrário ao PT e favorável ao PSDB, o que ficou evidenciado na análise das entrevistas).

Outra consideração importante que deve ser feita é em relação ao modo de funcionamento dos atos de fala ilocucionais diretivos, que sugerem diferentes modos de realização, (indiretos) não apenas como pergunta, mas ora como afirmação, ora como contestação, ora como elogio, ora como acusação. Os argumentos pragmáticos só foram eficazes se levado em consideração o contrato existente entre os interlocutores, em que o fator emocional, ou seja, o fato de se sentirem “acusados”, e ou “enaltecidos” contribuíram para que tais argumentos fossem sustentados. No caso do tucano suas respostas giraram em torno de enaltecer seu governo e se posicionar como melhor candidato, dada sua experiência política e vida pública “impecável”, já a candidata petista suas respostas foram voltadas para afirmar seu preparo como candidata ao governo, como forma de se defender de “acusações e tentativas de desqualificação”. Tais direcionamentos das respostas, a nosso ver, só foram possíveis, dado o teor das perguntas empreendidas pela revista que impunham aos candidatos uma ou outra atitude.

### **Referências:**

AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2006.

ARISTOTELES. **Arte retórica**. São Paulo: Clássicos Garnier, 1959.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. N.19 Campinas: UNICAMP/IEL, jul/dez., 1990. p. 25-41

BAKHTIN, Mikail/VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

CHARAUDEAU, P & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo : Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: Modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2009.

FOUCAULT, M. As Formações Discursivas. In: **A arqueologia do saber**/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 35-44

MARI, Hugo. *Atos de fala: notas sobre origens, fundamentos e estrutura*. In: MARI, H et al. (Orgs.) **Análise do Discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p.93-132.

MENDES, Paulo. Discurso e sociedade: dos gêneros aos atos de linguagem. In: EMEDIATO, W; MACHADO, I.L.; MENEZES, W. (Orgs.) **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: NAD/FALE-UFMG, 2006. p. 269-285.

ROBIN, R. A palavra como índice de comportamento político; Práticas discursivas e formação ideológica. In: **História e Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 42-50 e 115-119.

SEARLE. J. R. **Expressão e significado: Estudos da teoria dos atos de fala**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Entrevistas disponíveis em:

<http://veja.abril.com.br/230610/ouvir-argumentar-decidir-p-019.shtml>

<http://veja.abril.com.br/160610/acabou-risco-brasil-p-019.shtml>